

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

COMENDADOR

Paulo Felisberto

O interesse e a acuidade do Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, Dr. Mário Norton, no desejo de erguer do limbo do esquecimento a figura de Paulo Felisberto, encontrou no seio de toda uma povoação de Barcelos a mais viva simpatia.

«Boletim Social da TEBE», jornal de trabalhadores para trabalhadores, tradu-

João Duarte Veloso

«Boletim Social da TEBE», exprimindo o sentir de todos os operários, enviou no dia 19 deste mês cumprimentos de parabéns



ao Ex.^{mo} Sr. João Duarte, a quem tanto deve Barcelos, pelo impulso dado à indústria têxtil, nesta cidade. Amigo sincero deste «Boletim», fazemos votos para que continui a fazer muitos mais anos, entre os que o estimam.

O Pensamento do Mês

A «falta de tempo» é a desculpa de quem «perde tempo» por «falta de método».

Renato Kehl

zindo o sentir da massa operária, pode afirmar, com justiça e com razão, que esta iniciativa há muito se impunha em Barcelos. Certamente que a Câmara Municipal, as casas de caridade, a massa operária (a que mais beneficiou e beneficiará da generosidade deste homem) e toda a boa gente de Barcelos, estarão presentes no dia da grande manifestação.

Abaixo publicamos uma circular, que justifica insuperavelmente a razão que legitimou tão sublime atitude.

O Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, nasceu em Barcelos no dia 14 de Dezembro de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 3 de Novembro de 1947.

Decorreu no Brasil a sua vida de intenso trabalho e dotado de excepcionais qualidades, conseguiu reunir, pelo seu esforço, avultada fortuna. Notabilizou-se, também, no campo da benemerência, tanto no Brasil como em Portugal. Em vida subsidiou, generosamente, muitas instituições de assistência, contemplando a pobreza com frequentes dádivas.

Por morte, distribuiu a sua grandiosa fortuna por inúmeros e avultados legados com fins assistenciais, tornando-se famosa a sua herança, de cujo testamento deu notícia na íntegra, pelo menos, o Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, de 16 de Novembro de 1947.

Barcelos, sua Terra Natal, várias vezes lembrada em vida por doações e obras de interesse público, foi, também, largamente beneficiada no testamento, não tendo sido esquecida esta Santa Casa da Misericórdia.

Há uma dívida de gratidão a saldar por todos que deste ilustre Benfeitor, receberam provas de tanta estima. Mais que o valor dos bens materiais, conta a grandeza da sua alma, a bondade do seu coração, dando à sua fortuna o destino altamente cristão, dum inteligente aplicação em obras de caridade e noutras de interesse comum.

Se a utilização dos bens, pelos beneficiários, não foi ainda toda possível, isso não importa ao nosso reconhecimento, nem ao apreço em que devemos ter o nobre pensamento que nos legou, porque essas circunstâncias já não as alcança o poder da sua vontade.

Arrasta-se há anos, no Brasil, o complicado inventário desta herança, mas, felizmente, parece, próximo o seu termo.

A herança do seu nobilíssimo exemplo, dos seus generosos propósitos, da sua amiga lembrança, essa sim, recebêmo-la e aceitámo-la todos nós, como a primeira que entrou, eternecidamente, nos nossos corações. Daí não devermos esquecer o Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca!

(Continua na página 2)

AS LOUÇAS DE BARCELOS

IV

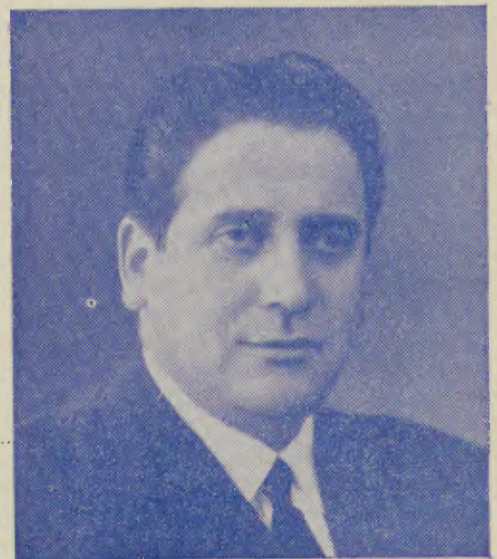
As Louças Comuns Vidradas

ESTA nossa classe de louças tem similares em outros pontos do País, mas nenhuma dessas têm a perfeição da nossa olaria, quer na perfeição do contorno e proporção da figura, como na distribuição do barro.

O seu vidrado é, excessivamente básico e por isto, muito deficiente para os usos domésticos a que são destinadas estas louças. É pena que os nossos industriais não corrijam este defeito que muito contribui na

Mário Campos Henriques

No passado dia 26 deste mês teve a sua festa de aniversário o Ex.^{mo} Snr. Mário Campos Henriques, Gerente da Empresa Têxtil de Barcelos.



«Boletim Social da TEBE» exprimindo o sentir de toda a massa trabalhadora apresenta-lhe cumprimentos, fazendo votos por longa e próspera vida.

A mulher e a criança

(Continuação da página 6)

a educação os pode ajudar a triunfar na vida, não está bem esclarecido, mas até que ponto as crianças abandonadas podem chegar, isso, infelizmente, está provado com casos concretos e que por vezes nos fazem arrepiar de pavor.

Trazem as crianças ao nascer uma herança que os pais e os avós lhes transmitiram: aptidões físicas e intelectuais, tendências morais, qualidades psíquicas, e, quantas vezes, doenças e taras hereditárias que para sempre lhes hão-de tolher os movimentos e fazer tropeçar na vida. Contra estas, infelizmente não podeis lutar com eficácia, mas pela educação podeis remediar algumas deficiências. Há, porém, o dever para todos os pais de conhecerem os seus filhos para poderem ajudá-los a desenvolver o que têm de bom, a adquirir hábitos de trabalho, de disciplina, de aprumo moral, a banir as más tendências herdadas, prontas a despertar em ambientes propícios, ou a fazer desabrochar nas suas vidas as belas inclinações que trouxeram de quem, com amor, lhes deu a vida, a inteligência, um corpo robusto e saudável e uma alma aberta e pura.

Os pais de hoje não conhecem os seus filhos e infelizmente é à mãe que cabe em maior parte

esta responsabilidade, porque ela foi, em todos os tempos, a melhor orientadora da educação das crianças e dos jovens.

Podia muitas vezes ser pessoa ignorante que o coração atenuava as deficiências da inteligência ou a ausência de cultura. Era a companheira amiga, carinhosa, devotada a uma missão elevada; era o amparo constante dum pequenino indefeso; era o refúgio da criança triste e incompreendida; era o abraço forte a estreitar a criança alegre e despreocupada; era a voz meiga e persuasiva a orientar passos indecisos; era o olhar vigilante a espiar as consciências indecisas e tímidas; era a presença permanente dum sorriso protector; era a palavra de perdão no recanto da casa, onde a criança delinquente se aconchegava com confiança e onde o adolescente buscava a compreensão dos seus problemas.

Mas hoje, a mãe, não está em casa e não conhece os filhos que lhe ocultam a maior parte da sua vida, porque lhes falta aquela doce intimidade em que podem tagarelar, ingenuamente, dando a conhecer o que sentem, o que ambicionam e o que os atormenta, por vezes.

Entram as crianças em casas vazias, onde não há uma voz que

crise em que estas louças se debatem na actualidade, pois as louças finas de pasta branca fazem-lhes uma concorrência muito séria.

O que ainda tem defendido estas nossas louças é a excelsa qualidade do seu barro ferruginoso, que goza da fama de transmitir aos alimentos um sabor especial e delicioso, como nenhumas outras e assim, ainda hoje são procuradas, mesmo em terras distantes. Estas louças têm as mesmas propriedades das Louças Comuns não Vidradas de que já falamos e mesmo muitas casas que possuem ricos apetrechamentos, o que há de mais moderno e melhor em trens de cozinha, ainda usam para certos cozinhados e preparações culinárias, as nossas simpáticas Louças Grossas Vidradas!

Mas, se estas louças têm semelhantes, quanto à forma e categoria químico-técnica, o mesmo se não verifica na sua decoração, para a qual os nossos ceramistas, sempre engenhosos, encontraram uma solução verdadeiramente graciosa e harmónica para as fracas possibilidades deste vidro. Esta é única e com umas características exclusivamente locais. E, se esta decoração é original, não o é menos o material de que se servem para a fazer: uns paus,

uns canudos, uma pena de galinha e os dedos! Não nos detemos a descrever esta pintura porque já é conhecida de toda a gente, bastará dizer que é uma composição variadíssima utilizando nela poucos elementos — uma espécie de etnografia. — Hierógrafos? Paliolíticos? Não. Simplesmente habilidosos que, desconhecendo os primores da cultura, realizam uma decoração ingénua, mas cheia de beleza que preenche absolutamente a sua falta de instrução. E a valorizá-la, a engrandecê-la, está o seu tipismo inconfundível. Tudo nesta indústria respira sabor local, uma técnica cerâmica absolutamente à parte, alheia a todas as modalidades e técnicas adoptadas universalmente, mas a das suas pinturas, é, incontestavelmente, a mais curiosa e engraçada.

Não pode morrer uma louça que reúne tão boas qualidades e apresenta manifestações tão regionais. Terá de sofrer um mau bocado enquanto se não revestir de outro verniz de melhor qualidade e a sua produção não for em condições mais económicas e melhor técnica, mas esta evolução há-de realizar-se, por força das circunstâncias, e esta louça deve então ocupar um lugar proeminente na produção nacional e sua devida classificação. — M.

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« **A MUNDIAL** »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

AS MALHAS TEBE

não receiam confrontos... Continuam na vanguarda do bom gosto.

lhes responda quando com alegria ou aflição chamam instintivamente: Mãe! Mãe!

Podem chamar que não há quem os ouça, quem os levante, se caírem, quem lhes sorria, quem lhes abra os braços! Longe, na fábrica entre o borborinho das máquinas, em trabalhos árduos, muitas vezes, estão esses braços que faltam aos filhos, estão os sorrisos que pertencem aos filhos, estão as mães que se viram na necessidade de trocar por dinheiro o que de mais caro e precioso têm no mundo; e que por aí ficam, sòzinhos, sujos, rotos, ao frio e ao sol, entregues à rua, que lhes ensina rapidamente todos os males, toda a podridão das vidas desfeitas pelos vícios.

Aí, na rua, se educam agora as crianças, porque infelizmente sem o dinheiro das mães parece que se não equilibra a economia familiar.

Porque se preocupam, afinal, tanto os investigadores da difícil ciência e arte de educar? Para muitos pais de hoje o problema é simples: fecha-se a porta da casa, e a criança na rua encontrará o necessário para se fazer homem...

As crianças de hoje desprezam a vida, os conceitos, as crenças, as leis, os velhos hábitos de delicadeza. Não têm a mais leve noção de deveres, porque o pouco tempo que estão na rua ouvem falar sòmente em direitos, em regalias, em reivindicações, em exigências; na rua, livres os movimentos, alheios a tutelas, senhores de muitas experiências, são arrogantes e destemidos. Se as tendências herdadas forem boas poderão ser homens de bem, mas aí deles, se lhes corre nas veias o sangue de gente sem escrúpulos, de homens de vontade débil, de indivíduos de consciências escuras. Aí ficam, entregues a forças poderosas de que jamais se poderão libertar porque, os pais, os deixaram, sòzinhos, nesse combate terrível do despertar de instintos e inclinações más. Não terão culpa de amanhã serem escorraçados de entre os homens de Bem, porque não tiveram os conselhos persistentes e ternos da mãe, sempre a seu lado, pronta a desviá-los do mal e a dirigir para o bem os passos vacilantes de menino.

São de lamentar pois os filhos

Paulo Felisberto

(Continuação da 1.ª página)

Esta, a grande razão da atitude que tomou a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, ao deliberar promover condigna homenagem em sua memória, como preito de gratidão e merecida exaltação.

Porém, dirige-se, em primeiro lugar, a todos que nesse expressivo testamento são lembrados e contemplados, bem como aos que o foram em vida. Uns mais, outros menos beneficiados, mas todos presentes no espirito do testador. Dirige-se no sentido de pedir opiniões, atender conselhos, associar colaborações, que considerem devida e oportuna a consagração do nosso Benfeitor.

Na sua Pátria e na sua terra natal, que nunca esqueceu, parece dever ser celebrada, por forma a estudar, tão destacada figura.

A vontade expressa no testamento, claramente nos indica, por várias disposições, ser a terra onde nasceu a preferida para nela perdurar o seu nome e dos que lhe eram queridos.

Por mais simples que seja a homenagem, deve ser de molde a impor-se, no tempo, ao respeito e consideração das gerações que nos hão-de suceder.

Pela união de esforços e de recursos melhor resultado se obteria no objectivo a atingir.

Estarão todos dispostos e de acordo com estes princípios?

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, promoverá e mais gostosamente com a colaboração de todos, que ficarão devidamente assinalados, esta justa homenagem. Ficariam imensamente sensibilizados com o parecer de V. Ex.ª. Aguardamos uma resposta o mais breve possível, favor que desde já se agradece.

Nota

Por absoluta falta de espaço não publicamos o artigo «Bibliotecas» e outro original.

a quem lhes falta a mãe, em casa, porque a necessidade de ganhar a vida a obriga a deixar o lar e gastar as forças, alquebradas, em tarefas diferentes daquelas que lhe exigem a sua condição de mulher casada: o arranjo do lar, o asseio dos filhos e do marido, a ordem e a economia da sua casa e a defesa da saúde física e da formação moral de quem entra no mundo desprotegido e nele fica, depois, entregue a si próprio, à sua inexperiência, ao desinteresse dos vizinhos e à perversidade dos inúteis que vagueiam pelas ruas. Há porém outras crianças que devem ser lamentadas mais ainda: aquelas que tendo em casa a mãe, andam na rua, nas mesmas tristes condições, abandonadas, sujas, rotas e livres, entregues aos seus apetites.

Plano de formação Social e Corporativa

Comissão Distrital de Braga

Casas do Povo

Por despacho de 13 de Fevereiro findo do Sr. Ministro das Corporações e Previdência Social, foi entendido que, em harmonia com o disposto no § 2.º do art. 1.º do decreto-lei n.º 30.710, de 29-8-1940, é obrigatória a inscrição, como sócios contribuintes das Casas do Povo, das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, das Misericórdias, dos Asilos, dos Seminários, dos Corpos Administrativos, da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, etc., sempre que sejam produtores agrícolas na área dum daqueles organismos, tal como são definidos no art. 8.º do decreto-lei n.º 28.859, de 18-7-1938, que para conhecimento geral se transcreve:

“Para efeito do disposto neste decreto consideram-se produtores agrícolas todas as entidades singulares ou colectivas que forem proprietários ou explorem como rendeiros, meeiros, parceiros ou, na ausência do proprietário, como administradores, sejam ou não seus parentes, quaisquer prédios rústicos e as mais entidades assim consideradas pela legislação reguladora dos organismos corporativos ou de coordenação económica”.

Casa do Povo de Arões

A “Empresa de Malhas de S. Jorge, Ld.ª”, com sede em Arões, Fafe, concedeu à Casa do Povo de Arões, com sede naquele concelho, a importância de mil escudos para ser aplicada nas obras sociais mantidas por aquele prestante organismo corporativo.

A atitude daquela empresa merece ser devidamente registada, apreciada e louvada pelo que representa de compreensão pela obra das Casas do Povo e de sentido social.

Oxalá este bom exemplo frutifique como merece.

Casa do Povo de Rego

O presidente da assembleia geral da Casa do Povo de Rego, concelho de Celorico de Basto, Rev. Mário Xavier Rodrigues, esteve no gabinete do Delegado do I. N. T. P., a fim de tratar do problema da construção da sede daquele organismo, já participado para o ano em curso.

Além de ter conferenciado com aquele magistrado, avistou-se também com o Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Braga.

Os organismos corporativos passam a dispor, portanto, em futuro breve, de mais um edifício próprio para melhor exercerem as suas actividades de pre-

vidência e assistência, educação, cultura e recreio.

Actividades Culturais da F. N. A. T.

A Delegação de Braga da F. N. A. T. continua a desenvolver intensa actividade cultural e recreativa. Dispondo de excelente aparelhagem cinematográfica de 16 m/m tem levado o cinema aos mais distantes meios rurais do distrito. Contam-se por muitas centenas as sessões de cinema realizadas nas sedes das Casas do Povo do distrito de Braga.

Na sua sede, à Avenida Central, nesta cidade, está em funcionamento uma espaçosa sala de espectáculos, com lotação para 400 pessoas.

Também ali se têm realizado regularmente sessões cinematográficas dedicadas aos trabalhadores.

Ultimamente foram levadas a efeito sessões de cinema para os associados do Sindicato Nacional dos Contabilistas de Braga e para o pessoal das fábricas “Confiança”, “Sociedade Metais, Balanças, Ld.ª”, “Onça”, “Maurus & Conceição, Ld.ª” e “Martins Ferreira, Irmãos”.

«Boletim do Sindicato Nacional dos Contabilistas»

O Sindicato Nacional dos Contabilistas, Guarda-Livros e Empregados de Escritório, com sede em Braga, está a desenvolver notável acção em todos os planos da defesa e da valorização dos profissionais seus associados.

Além de ter em funcionamento cursos de aperfeiçoamento profissional (contabilidade) e de línguas (francês e inglês comercial), em Braga e em Guimarães, nos quais os seus sócios recebem ensino adequado, este organismo vem a levar a efeito outras importantes realizações de carácter cultural, recreativo e desportivo.

A coroar esta actuação meritória, o Sindicato Nacional dos Contabilistas, que deve servir de exemplo, iniciou a publicação dum interessante “Boletim”. Inserindo valiosa e variada colaboração, assinada por profissionais de escritório e por individualidades de relevo nos meios intelectuais, as suas páginas servem simultaneamente a cultura geral, profissional, a formação social e a publicidade da vida interna do Sindicato.

O primeiro número registou a mais favorável aceitação em todos os meios com responsabilidades sociais e culturais.

O segundo número, que vai aparecer brevemente, apresentará o mesmo bom aspecto gráfico e comportará excelente colaboração e novas secções de muito interesse para a difusão dos direitos e dos deveres dos trabalhadores.

FESTAS

DAS

CRUZES

Barcelos, cidade cheia das mais belas tradições, plena de uma harmonia de tons e de contrastes, é, sem favor, uma tela verdejante emoldurada na poesia bucólica das águas do Cávado.

Olhando Barcelos em contemplação retrospectiva, encontramos capítulos sublimes onde a memória dos seus poetas, dos seus heróis e dos seus santos nos fala de todo um passado a completar-se no presente numa comunhão de beleza e de fé.

O seu passado e o seu presente são elos vivos que perdurarão através dos séculos como testemunho da grandeza da sua história, que é, naturalmente, a gestação de Barcelos embrionário ao Barcelos dos nossos dias.

O MILAGRE DAS CRUZES, página sublime da fé deste bom povo minhoto, será lembrado, este ano, com um programa aliciante e que traduzirá, sem favor, o gosto requintado da Comissão Organizadora das Festas.

Para conhecimento do leitor, abaixo damos nota de alguns desses números:

Estão já contratadas 5 bandas de música e os fogos do Campo, estando incluída uma batalha naval no fogo preso, e da Serenata; ornamentações para o Largo da Calçada, com uma decoração diferente dos anos anteriores, Avenida Dr. Oliveira Salazar, Rua do Correio e frente da Feira Popular; iluminações para as Ruas D. António Barroso que será somente iluminada e decorada com motivos de plástico, Largo da Calçada, Avenida Dr. Oliveira Salazar, Rua do Correio, Frente da Feira Popular, Jardins da

Os artigos de seda, nylon e algodão só são garantidos quando levem o nome

TEBE

quer em etiquetas, quer ainda mencionados no próprio artigo.



Francisco José Faria Torres

No passado dia 29 teve a sua festa natalícia o Sr. Francisco José Faria Torres, sócio da TEBE. Por tal motivo, «Boletim Social da TEBE», apresenta o seu cartão de parabéns, fazendo votos para que faça muitos mais anos.

Calçada e Barrocas com luz indirecta, Templo do Senhor da Cruz, Hospital, Chafariz do Campo da Feira, Torre de Menagem e Quiosque da Calçada.

No dia 3 realizar-se-á grande Feira das Cruzes, havendo de manhã no Templo do Senhor da Cruz imponentes solenidades religiosas, de tarde um importante Concurso Pecuário e à noite, no Parque da Cidade, um importante festival em que colaboram os Ranchos Folclóricos das Lavradeiras da Meadela, Viana do Castelo, Festa de Guimarães, da Comissão Municipal de Turismo da Póvoa de Varzim, da Casa do Povo de Barcelinhos e possivelmente o Rancho Tamar, da Nazaré.

No festival do Parque da Cidade toma parte a ilustre poetisa D. Maria Manuela Couto Viana.

Na tarde de domingo, dia 4, realiza-se uma Batalha de Flores com carros e indumentárias dos séculos XVIII e XIX e a Serenata no Rio Cávado, na noite desse dia, com as margens iluminadas com o dobro de lumes vivos, decorrerá num cenário mais esplendoroso.

O cartaz anunciador das Festas é da autoria do nosso bom amigo e conferrâneo o distinto escultor António Carlos Esteves e deve ser distribuído dentro de breves dias.

*

A Secretaria da Comissão das Festas funciona no edifício dos Bombeiros de Barcelos, Telefone 8252 e a Tesouraria no estabelecimento do Sr. Manuel Pereira da Quinta Júnior, Telefone 8225.



Noticiário

Por JONE & TONE

NO interesse de dar uma pequena ideia, aos sócios do Clube Desportivo da TEBE, da formação que Ranito pensa apresentar, na próxima época, estamos autorizados a informar que será absolutamente diferente, daquela que os espíritos mais optimistas idealizam. Entretanto, como a "chave do negócio é o segredo" seremos discretos.

Os treinos do nosso clube têm-se realizado no Porto, (nas Cavadas) porquanto o nosso rínque ainda não tem a electrificação feita. Tem a Ex.^{ma} Edilidade emprestado boa vontade para resolver o assunto, mas necessita de resolução mais rápida. São compreensíveis as despesas que nos vemos forçados a fazer com a deslocação da equipa ao Porto, além do problema da inadaptação, ao rínque em que deveremos realizar os jogos, durante a próxima época.

Queremos aqui abrir um agradecimento sincero à Ex.^{ma} Direcção do Estrela e Vigorosa Sport, por todas as facilidades concedidas para utilização do seu rínque, bem como a cedência das suas equipas. Muito obrigado.

Numa reunião realizada na Câmara Municipal, com a presença dos representantes dos três clubes Barcelenses que praticam a modalidade de oquei, foi tratado o problema da utilização para treinos, do rínque do Parque da Cidade.

Ao Clube D. da TEBE foram destinados os dias de 4.^a-feira à noite e sábado de tarde. Os representantes do Vitória e Oquei não chegaram a acordo, por pretenderem ambos iguais dias de treino. O problema, até ao momento, está insolúvel o que sem dúvida deve trazer grandes atrasos à preparação dos ditos clubes. Esperamos que em breve o assunto se resolva, de maneira a que ambos possam começar a preparação, para não irem às provas que se aproximam, desarticulados e em condições de inferioridade com as restantes equipas.

Sob a presidência do Presidente da A. Geral realizou-se no passado dia 22, na Sede da Associação, mais uma Assembleia Geral ordinária da Associação de Patinagem de Braga.

Estavam presentes todos os Delegados dos clubes, com excepção do Vitória de Guimarães.

Aberta a sessão foi dispensada a leitura da acta da reunião anterior, bem como, em princípio, a do Relatório de Contas, depois exigida pelo Delegado do Taipas. Lido, foi aprovado. Foi depois apresentada

CAMPISMO

*D*E todos os desportos, o campismo, sobressai como benéfico e salutar. Tem sobre todos os outros um ascendente notável, não é desporto de competição. Parecerá a muita gente que não sendo um desporto de competição, perde o interesse. Sem dúvida, no aspecto material, porquanto se procurarmos no campo moral as conclusões são-lhe favoráveis.

Mas quem diz ser o campismo, desporto sem competição!? Há no campismo a competição homem-natureza. Em quê?... Então analisemos:—Todos sabem que o homem necessita de mudança de ambiente, ar puro, exercício e acima de tudo um orientador espiritual.

Sòzinhos ou acompanhados, nada melhor do que um ermo ou uma paisagem, para nos fazerem viver todos os ideais que nos deviam nortear como pilar na vida. Mas chegam de divagações e apreciemos o movimento campista na nossa cidade. Aparte o Centro de Escutismo, nada mais se tem feito. Aparecem de quando em quando, vontades isoladas que vendo a apatia dos outros, começam a cair acabando (infelizmente) bem depressa.

Uns anos passaram sobre uma notícia publicada neste jornal, da criação dentro do clube Tebista de uma secção de campismo. A ideia caiu e com ela o interesse que despertou de momento. Acusar não podemos, porquanto talvez tivéssemos que primeiramente apontar para nós.

Hoje procuramos ressaltar o erro passado e já que as condições actuais não nos permitem tomar a iniciativa, desejamos que como a outra notícia, este escrito não vá para o cesto das coisas inúteis e oferecemos a nossa modesta colaboração.

W. E.

uma lista com a direcção a propor, que foi também aprovada, sem discussão. Vai o Presidente da Assembleia Geral encetar as consultas, pois que todos, ou quase todos os propostos, não tinham disso conhecimento. Pode quase afirmar-se que aceitarão, disso estando convicto o dito presidente.

Em seguida foram propostos e aprovados, um voto de louvor ao Excelentíssimo

Ginástica

HÁ muito que se faz sentir a falta de um recinto coberto, onde uma dezena de rapazes possa praticar debaixo de regra, tão salutar desporto.

Têm surgido vontades que não chegaram a concretizar-se. Talvez apatia?! Não, simplesmente dificuldades de ordem material, que dentro do número limitado de praticantes, se torna insolúvel.

Tudo leva a crer que o problema seja agora resolvido. O Desportivo de Barcelinhos meteu-se no caso e ofereceu a sua colaboração desinteressada. Numa ligeira conversa com o Secretário daquela colectividade, esclareceram-se alguns pormenores, dos quais gostosamente damos publicidade.

Para começo, será praticada ginástica cultural e preparatória, estando no âmbito das possibilidades a ideia de formação, num futuro próximo, de algumas classes para espectáculo.

O recinto ideal seria o antigo Mata-douro Municipal, hoje ocupado pelo rancho e orfeão da Casa do Povo de Barcelinhos. Temos a certeza que com boa vontade tudo se resolverá, porquanto a direcção dos referidos agrupamentos culturais, está entregue a pessoas compreensivas que só negarão, no caso de ser absolutamente impossível. Aguardamos com ansiedade todas as "demarches" e oferecemos estas colunas sempre que necessário se torne fazer propaganda e intensificar a cultura física. Força de vontade e "sem trabalho nada se concretiza".

W. E.

Senhor Presidente do Município Bracarense e à Direcção transacta,

Não havendo mais nada a tratar foi pelo Ex.^{mo} Presidente encerrada a sessão que decorreu dentro da melhor ordem.

N. R. — Esperamos poder fornecer no próximo número a constituição da Direcção, e, mais pormenorizadamente nos referiremos ao facto.

Num dos últimos treinos feito pelo nosso clube no Porto, Carvalhos Castro do Estrela e Vigorosa, treinou à baliza do TEBE.

Realizou-se no passado dia 18 a Assembleia Geral ordinária do Vitória Sport Clube (Barcelinhos). Estava na Ordem da Noite a eleição dos novos corpos gerentes e trinta minutos para tratar de assuntos de interesse para o clube. Foi aprovada a nova Direcção, presidida pelo Rev. Pároco de Barcelinhos. No próximo número daremos os restantes elementos que a compõem.

O Clube D. da TEBE recebeu um convite do clube Espanhol Juventude para realizar um jogo de oquei em patins. O assunto está a merecer da Direcção o estudo necessário e a resposta será, (bem como as condições) apresentada dentro de pouco tempo.

A ROSA MARIA Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Por SIDÓNIO FERREIRA

A noite ia avançada. Na aldeia tudo dormia. Os ciganos, com as burras pelas rédeas, carregadas de tralha, roubavam aqui e acolá, tudo o que podiam.

Ao passarem pela quinta do Tomé das Bouças — a pessoa mais rica daquela freguesia — um deles, avançou a parede do quintal, correu o fecho do portão e abriu-o. Depois, entrou uma cigana, trazendo um embrulho coberto de trapos, que o colocou com todo o cuidado num canto do terreiro.

O cão, dando puchões à corrente que o prendia, ladrava furiosamente. Mas os intrusos, não foram apanhados nas suas habilidades. Mesmo assim, por cautela, caminharam mais apressados. E o silêncio anterior reinou outra vez.

Ao contrário do calor que fizera durante o dia, a noite estava suave e branda. Uma leve aragem agitava as árvores. Incessantemente, ouvia-se a sinfonia singular e levemente melancólica dos grilos e das cigarras. No riacho, rodeado de salgueiros e choupos, as rãs com o seu coachar típico, davam uma nota alegre e interessante àquela noite.

De manhã, a criada do richão, uma mulher de cinquenta anos, muito gorda e com o cabelo já embranquecido, foi à adega. Ao passar no terreiro, sentiu gemidos que pareciam vir do embrulho, despertando-lhe assim a atenção. Acercou-se e ficou perplexa com o que viu... Entre aqueles miseráveis trapos, carregados de porcaria, estava uma criancinha, quase nua.

O Tomé das Bouças, encontrava-se comodamente instalado na sua simples sala da jantár, a tomar o pequeno almoço, quando a quinquagenária, em altos gritos, entrou com a pequena no regaço.

— De quem é a miúda?... — Perguntou-lhe, com muita calma.

— Encontra-a no terreiro, nesta miserável situação. Não sei de quem será. O melhor, é darmos parte às autoridades do sucedido. Assim, livramo-nos de responsabilidades...

Com uma ideia concreta, que lhe surgiu de momento no espírito, interveio, secamente:

— Não. Se ninguém a reclamar, vamos criá-la.

— E o que hão-de dizer as más linguas?...

— Não faz mal... Cumpres as minhas ordens.

— Mas... começam a dizer...

— Tudo isso é supérfluo... Com um sorriso cínico desenhado nos lábios e com um gesto de aborrecido. — Tens idade suficiente para teres juízo! Quem se acredita, lá por vivermos sós, que é nossa filha?... Portanto, Aninhas, a minha vontade será cumprida. Além disso, cada um dentro das suas possibilidades, deve proteger os abandonados.

Com muito custo, principiou a cuidar da criancinha. Improvisou uma roupa para lhe vestir e deitou-a na sua própria cama.

Baptizaram-na com o nome de Rosa Maria da Aparecida. Foram ambos os padrinhos.

A miúda era bem tratada e via-se desenvolver de dia para dia.

Os meses sucediam-se e a Tia Ana, cuidava da Rosa Maria, como se fosse sua própria filha. A princípio, fez os possíveis para que a opinião do patrão não se mantivesse. Mas vendo que não conseguia fazer nada, teve de acatar com bom humor as ordens que lhe deram e acabou por simpatizar com a pequena.

Às vezes, quando saía, todas as pessoas conhecidas, perguntavam-lhe pela miúda.

À resposta, era para todos, pouco mais ou menos, desta maneira:

— A Rosinha, coitada, lá está. É um anjo perfeito! Por não ter os mimos dos

pais, é a mesma coisa, ou melhor ainda, do que se os tivesse. Aprende muito bem na escola e a senhora professora, está muito contente com ela. Vamos ver como se lhe apresenta o futuro... O senhor Tomé, quer fazê-la sua herdeira. — Fazendo gestos com as mãos — E que susto o meu naquele dia, quando encontrei o trambolho no terreiro, embrulhado em farrapos. — A sorrir — Moreninha, que bonita que ela é! Quando for grande, há-de ser uma flor...

Um dia, a tia Ana, passou pela casa da Micas da Calçada. Esta, quando a via, entrava sempre com ela.

— Por aqui, tia Ana?... Deus a guarde! Em casa, está tudo bem?...

— Está, obrigado. A Rosinha, coitada...

A Micas, como já sabia aquela história, atalhou, meia a sorrir:

— Vocês os dois, dessa idade, é que as arranjam boas! Quanto mais velhos, menos...

— Sua malcriada!... Não tens juízo nenhum! — Interveio, ásperamente.

— Ah!... Ah!... Diga-lhe que sim.

— Pois é... pois é...

— Em lugar de estar todos os dias à porta «a vender o peixe», era melhor remendares a roupa dos teus filhos. Parecem uns miseráveis...

Ao pronunciar-se desta maneira, virou-lhe as costas e não quis mais conversar. Aquilo, aborreceu-a bastante. De noite, sentiu-se mal. Para sossegar o espírito, a Rosa Maria, teve de lhe levar um chá à cama...

O Tomé das Bouças, pôs a afilhada a estudar. Mas esta, assim que se tornou uma mulherzinha, passou a não ligar nada aos estudos. Faltava às aulas e abandonava o colégio dias inteiros. Quando deparava com algum grupo de ciganos, sentia desejo de fugir com eles. Mas devido à educação que tivera em miúda, não se atrevia. Ainda se lembrava, quando às vezes queria ir brincar com as outras raparigas, a tia Ana, lhe dizer:

— Agora não, minha filha!

— Deixe-me ir... Eu venho já.

— Não vais, porque vêm os ciganos e levam-te.

Dessa maneira, a ideia que dentro dela surgia era vencida. Mas, quando os ciganos acampavam na aldeia, levava-lhes tudo aquilo que podia. Chegou a passar uns maus bocados, por causa disso. Mas não se importava. Sentia-se satisfeita com o seu proceder e as teorias dos velhotes não serviam para nada.

Ao fim de três reprovações consecutivas, saiu do colégio e puseram-na a aprender costura. Mesmo nesta nova arte, não prometia.

Namorava pouco. Não simpatizava com os rapazes, porque eram muito materialistas. Além disso, na sua maneira de ver, o casamento devia ser doutro género.

Após o falecimento da tia Ana, tomou conta da responsabilidade da casa. Mas o velhote, não se fez demorar também. Como não tinha família chegada, deixou tudo à Rosa Maria.

Em pouco tempo viu-se só e sem disposição para aturar os criados e jornaleiros. Os pretendentes, agora mais do que nunca, não a largavam. Mas, mais dia menos dia, conforme o tempo que demorasse a declaração, lá se iam, com um «tampo» às costas.

Para se distrair, trabalhava um pouco de costura. O seu temperamento, não suportava de maneira alguma as canseiras da lavoura e do governo da casa. A sua ideia era de ver novas terras, fazer em cada uma delas uma vida nómada, conhecendo horizontes diferentes e idealizando sempre novas beldades, mesmo que fossem parvoíce aos olhos dos outros.

Por azar, o regedor da freguesia, uma certa altura, colocou um edital na porta da igreja do seguinte teor:

«Todas as costureiras, alfaiates, carpinteiros e serralheiros que desejem ir

Fazem anos no corrente mês os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria Carolina M. Barbosa, Maria Augusta Pombal, Manuel Fernando de Sousa, Maria Alice de F. Pereira, Joaquina da Conceição B. Teixeira.

DIA 2 — Maria Lucília Gonçalves, Maria Adelaide Correia Calheiros e Alzira da Conceição Fernandes.

DIA 3 — João da Silva Fortes.

DIA 4 — Joana Pereira da Silva.

DIA 5 — Manuel Cândido Gonçalves e Ana Amaral.

DIA 6 — Jaime Ferreira, Maria do Carmo P. Figueiredo, Maria José Cardoso e Maria da Conceição G. Faria.

DIA 7 — Maria Machado Ribeiro, Deolinda Correia dos Santos e João Pereira Rodrigues.

DIA 8 — Germano Correia Pereira e Maria da Conceição F. de Carvalho.

DIA 9 — Carlos Januário M. Pereira e Maria José Arantes Pinto.

DIA 11 — Carlos Quinta e Costa.

DIA 13 — Manuel da Silva Correia e Maria da Conceição Dias do Vale.

DIA 15 — Maria da Glória da Costa Torres, Olívia dos Prazeres Gonçalves, Ana de Andrade Pereira e Maria Margarida M. Pereira.

DIA 16 — Augusto de Sousa Machado.

DIA 17 — Rosa de Azevedo Lopes, Maria Pereira Alves e Maria de Lourdes Loureiro Martins.

DIA 19 — Maria de Castro Pinto, Mercedes Martins Pereira e Messias Augusta Lopes Pereira.

DIA 20 — Maria Dantas da Costa.

DIA 22 — Angelina Ricardo Moreira, Maria Arminda F. Pereira e Maria do Carmo F. Pereira.

DIA 23 — Maria Rosa Gomes Gandra, Isabel Miranda de Sousa e Maria Manuela de C. Miranda.

DIA 24 — Maria da Glória G. Lourenço.

DIA 25 — Carolina do Rosário P. Barbosa.

DIA 26 — Maria Emília S. Figueiredo e Manuel Fernandes Rente.

DIA 27 — Maria Lúcia R. Pereira, António Ferreira Caldas, Maria Celeste Alves de Miranda, Maria Alves Rodrigues e Manuel de Miranda.

DIA 28 — Maria Luciana F. Dantas e Laurinda do Carmo S. Fernandes.

DIA 29 — Adriano Pereira de Faria, Arlinda da Costa Marinho, Arminda Braga Oliveira e Maria Rosa Rodrigues.

DIA 30 — Francelina da Cunha Correia.

DIA 31 — Maria Alice Ricardo Moreira.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

O torneio literário «Chama de Maio» promovido pela Mocidade Portuguesa

No prosseguimento duma iniciativa que há 11 anos vem a promover com grande êxito, a Mocidade Portuguesa leva a efeito no ano corrente o torneio literário «Chama de Maio», que tem servido para revelar notáveis vocações, entre a juventude, de poetas, contistas, dramaturgos e ensaístas.

A este torneio literário podem concorrer todos os jovens poetas e prosadores portugueses, sejam ou não filiados daquela Organização Nacional.

Os concorrentes dividem-se em duas categorias, designadas, respectivamente, por A (dos 14 aos 17 anos, inclusivé) e B (dos 18 aos 25 anos, inclusivé).

A «Chama de Maio» inclui as seguintes secções: «Poesias», «Conto», «Teatro» e «Ensaio», sendo apenas admitidas produções originais e inéditas, cujos temas mereçam o interesse da juventude portuguesa. A secção de «Teatro» só podem ser apresentadas produções de concorrente da categoria B.

Os concorrentes subscreverão as suas produções com um pseudónimo ou divisa e a indicação da categoria

(A ou B), enviando os trabalhos dentro de sobrescrito fechado dirigido a «Chama de Maio» — Commissariado Nacional da Mocidade Portuguesa — Palácio da Independência — Lisboa.

Além das produções, cada sobrescrito encerrará outro, lacrado, contendo o nome, idade e morada do concorrente e com a designação exterior do pseudónimo ou divisa por ele adoptados.

Para cada uma das categorias e secções mencionadas estabelecem-se um 1.º e um 2.º Prémios de Esc. 1.300\$00 e Esc. 500\$00, respectivamente.

O júri poderá atribuir um número não superior a seis menções honrosas em cada uma das secções.

Os interessados podem obter esclarecimentos mais amplos sobre o torneio na Delegação Provincial do Minho da Mocidade Portuguesa — Rua de Santa Margarida, em Braga — ou nas sedes das Subdelegações Regionais dos Arcos de Valdevez, Monção, Valença, Caminha, Viana do Castelo, Esposende, Barcelos, Vila Nova de Famalicão, Guimarães, Fafe e Cabeceiras de Basto.

para a África, têm viagens pagas e um bom ordenado mensal. Os interessados, podem dar o nome nesta regedoria e colher elementos preciosos acerca do mesmo. O regedor — Luís do Campo».

A Rosa Maria, ao tomar conhecimento do caso, achou aquilo magnífico, porque, em parte, saciava-lhe a ambição. Assim, despediu toda a criadaçã e em lugar de arrendar a quinta, deixou-a totalmente ao abandono. Dali a seis meses, aproximadamente, emigrou.

Com o andar dos tempos, a casa reduziu-se a quatro paredes nuas, ao sabor das intempéries e por todos os cantos, as silvas e as heras encobriam os répteis e davam guarida aos mochos, que todos os dias soltavam as suas notas fúnebres, como que informando os habitantes daquela freguesia do que sucedera à dona da propriedade.

A anedota do mês

Sogra — Um bolo de aniversário para mim? Você foi muito gentil. Agora reparo que só tem uma vela!...

Genro — É uma lâmpada eléctrica de 70 velas.

Visado pela Comissão de Censura

SECCÃO FEMININA

Nobres figuras de Mulher A mulher e a criança

Por MARIA MATILDE

FERA uma vez... Chamava-se Bernardette...

Grande foi a alegria dos moleiros de Boly, Francisco e Luisa Soubirous, com o nascimento da primeira filha! Mais 8 se lhe seguiram, aumentando regularmente os encargos do casal — enquanto os recursos se lhes diminuíam com a mesma regularidade...

A gente do povo tinha o costume de vir moer a farinha a crédito. Francisco, muito bom, não sabia exigir o pagamento...

Luisa, no dizer duma contemporânea, era muito boa cristã, trabalhadora, delicada, educava lindamente os filhos, só tinha um mau hábito: não deixava sair nenhuma mulher, das que de manhã à noite enchiam o moinho, sem tomar a sua refeição...

Assim a miséria bateu depressa à porta!

Tiveram que abandonar o moinho, por não poderem pagar o aluguel, e de queda em queda, acabaram por instalar-se num antro miserável — por caridade dum primo pedreiro —, uma antiga prisão que as autoridades tinham julgado inabitável para ladrões e criminosos.

E no meio destas infelicidades, em que a família perde o seu bem estar, Bernardette apanha uma asma que aumentará os seus sofrimentos cada ano que passa.

Aos 12 anos vai para casa da sua antiga ama, não pensionista rica como outrora, mas para ser pastora no verão e criada no inverno.

Pastorinha frágil, que o frio da manhã sufoca, lá vai por montes e vales, corpo mal resguardado numa chita remendada, pés nus enfiados nuns tamancos rudes, levando para o almoço um naco de pão.

A ama tinha-se comprometido a deixá-la ir à escola — mas o trabalho é sempre tanto!

Tinha também a boa vontade de lhe ensinar doutrina, mas a criadinha era tão rude, uma cabeça tão dura! Por vezes o catecismo voava pela janela, e irada, a patroa bradava: és uma estúpida e não passarás duma ignorante... Mas a pequena tinha a verdadeira sabedoria, e respondia: se nada sei, ao menos posso rezar o meu terço, e amar a Deus de todo o coração... E nunca amuava, não! Lançava-se-lhe nos braços e abraçava-a!

Obediente e dócil, alegre e sorridente, apesar da fadiga da respiração ofegante, aceitava o que lhe davam — tal era a opinião dos seus senhores.

Gentil e doce com as companheiras, modesta, tranquila, tímida, todos em redor a estimavam.

Estimavam e... qualquer coisa sentiam já por essa criança... Baixinho o povo contava:

Uma vez surpreendeu-a a tempestade, chovia a cântaros, uma lavradora, vendo-a sem qualquer resguardo, chama-a para que se abrigue, e ao rebanho. Mas ao trazê-la pela mão grita espantada: Santo Deus, tu nem sequer estás húmida!

Doutra, chuvas torrenciais tinham de tal forma engrossado o regato que atravessara de manhã, que para regressar, ou precisa de esperar muitas horas que a corrente baixe, ou aguarda a passagem mais do que problemática dum barco! Jamais se saberá se foi Deus que falou, ou a menina que rezou... Mas as águas pararam, e Bernardette atravessou enxuta, com as suas cabrinhas e os seus cordeirinhos!

Mais tarde, desejosa de aprender, preferiu voltar à miséria da casa paterna, e deixar o já bem relativo conforto em que a tinham.

Lá era feliz: estava com os seus, ajudava-os, preparava-se para a primeira comunhão...

Segundo um testemunho de então, aos 14 anos era uma criança pobre, em quem se não reparava senão por dó, não sabia ler nem escrever. Foi impossível ensinar-lhe o catecismo pela sua rudeza em aprender. Nunca comeu o bastante! Vai à procura de gravetos, ossos, farrapos, ferro velho a fim de angariar alguns soldos para valer à miséria da casa.

Pobrezinha cuja riqueza interior basta para atrair o Céu!

E no mês de Fevereiro de 1858 — fez agora precisamente 100 anos a Virgem, Mãe de Deus aparece à menina desdenhada: saudava-a como a uma princesa, inclina-se diante dela, e envolve-a num meigo sorriso!

Foi na gruta de Massabielle, Lourdes, num dia de inverno frio, quando Bernardette, Toinette, sua irmã, e Joana Abadie, uma vizinha, iam apanhar lenha para aquecer um pouco a família enregelada.

E 18 vezes a Virgem visitou Bernardette!

Começaram a acompanhá-la: dez amigas num dia, 100 pessoas no outro (parentes, vizinhos amigos); depressa uma multidão de milhares — crentes e descrentes — se aglomerava diante da gruta para... não ver mais que uma

MAIS uma vez a educação das crianças me preocupa como um dos mais graves problemas dos nossos dias. E esta preocupação é tão natural que tem ocupado páginas e páginas de centenas de livros de pedagogos notáveis. Filósofos, psicólogos, professores e médicos de há um século para cá, diàriamente se têm debruçado sobre este complicado assunto sem até hoje, encontrarem uma fórmula capaz de satisfazer plenamente os vários aspectos do problema. Dentro de complicados laboratórios, dentro de escolas modelos, dentro de jardins infantis, em casa, na rua, só ou em grupo, a criança tem sido analisada, observada e estudada com carinho e com interesse na ânsia de descobrir a maneira mais eficiente de a educar, isto é, de a preparar para a vida.

Pois bem, os vossos filhos são crianças a quem tudo falta: carinho, conforto, asseio, disciplina,

ambiente familiar, conselhos ou ralhos (que uns e outros são precisos). Nada têm que lhes prenda o espírito. As horas livres da escola, são passadas sem ordem, em liberdade pelas ruas, sem que algum outro interesse os prenda. Enquanto são pequeninas a atenção fixa-se-lhes nos mil objectos que os cercam e que lhes servem de brincadeira constante, mas, em breve, os interesses mudam com o rodar dos anos, e então aficam, indiferentes ao que dantes os tentava, mas ansiosos de penetrar no conhecimento profundo do mundo, tentados a experimentar precocemente o que lhes dá prazer e a afastar de si o que os mortifica ou o que lhes tolhe a liberdade de satisfazer apetites e caprichos.

Que homens e mulheres serão amanhã estas crianças, quando a vida lhes exigir trabalhos, renúncias, domínio de nervos, controle de instintos? Até que ponto

(Continua na página 2)

menina tornar-se pálida como uma morta, porque levantava os seus belos olhos para uma Senhora muito bela!

Numa das vezes, julgam-na louca: começa a esgravatar a terra e levá-la à boca... Um fiosinho, de água brota nesse lugar. É a fonte miraculosa, que hoje dá mais de 120 mil litros de água por dia, para alimentar 9 piscinas onde se banham doentes — donde tantos, tantos, tantos, têm voltado curados!

Depois continua a sua vida de pobrezinha.

Por causa da tosse e da asma, recebem-na como indigente as Irmãs do Hospício. E foi lá que aos 18 anos consegue aprender a ler!

Aos 22 entra para o convento de Nevers. Mas o seu aspecto impressiona mal. E até a mestra de noviças que a recebe, há-de duvidar sempre dela, e não deixará nunca de a humilhar!

A vida segue, sempre dura! — Nossa Senhora tinha-lhe dito que não a faria feliz neste mundo, mas no outro...

Uma tutora continua, são os interrogatórios infundáveis. Durante 21 anos, tem que contar, repetir, descrever, a pobres e a ricos, a humildes e poderosos, a leigos e a sacerdotes, a crentes e a descrentes, as suas maravilhosas visões. E quantas perguntas capciosas, quantas ciladas ocultas, a ver se a apanhavam na mínima contradição!

Mas a verdade é só uma — milhares de pessoas ouviram exactamente as mesmas respostas que a menina de 14 anos deu às primeiras amigas.

16 de Abril de 1879. Com 35 anos, Bernardette sobe ao Céu, implorando a sua prece habitual:

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim, pobre pecadora... pobre pecadora...

E o seu corpo frágil, doente, das 3 vezes que o seu túmulo foi aberto, se mostrou incorrupto! A doce face pálida inclinada, parecia ter encontrado finalmente a felicidade...

Pouco tempo depois, — bem pouco para a habitual reserva da Igreja — na maior basílica do mundo, o Papa Pio XI revestido das suas melhores pompas, afirma infalivelmente que é uma Santa, a pobre Bernardette de Lourdes.

Lourdes! Mais de um milhão de peregrinos cada ano! Uma água miraculosa que cura sem cessar! Milhares e milhares de milagres, visíveis e invisíveis! O mundo inteiro de todas as categorias lá se ajoelha!

E para tão grandes coisas duas mulheres bastaram: a maior entre todas as criaturas, a Mãe de Deus, e a mais humilde entre as humildes

BERNARDETTE SOUBIROUS